

Ambientalista luta pela preservação da Mata Nativa da Serra Verde

José Francisco Lopes, mais conhecido por Professor Nino, é professor da Escola Áurea Galvão Gomes, da comunidade rural Serra Verde, situada na parte serrana do município de Lajes Pintadas, região Trairi do Rio Grande do Norte. Ele é historiador, preservacionista e ambientalista por iniciativa própria. “Desde criança tenho essa tendência de preservação da natureza”.

Casado com Simone Dantas Cortez, com quem tem uma filha de 3 anos, Júlia Fernandes Cortez Lopes, ele mora praticamente em dois lugares: na cidade de Currais Novos, sertão do Rio Grande do Norte, por causa da escola da filha, e no sítio Cutruco, onde vivem também seus familiares – pais, irmãos e primos. Ele assumiu os cuidados da área onde tem a casa desde 2006, mas já vinha cuidando da preservação do ambiente desde 1998. As terras pertencem à família dele há cerca de 7 gerações.

A casa onde vive no Cutruco é simples, rodeada de árvores nativas e algumas plantas exóticas para experimentos. Tem um canteiro de mudas de Pau-Brasil, Mulungu, Jaqueira, Catolé, Alamanda, Ipê, Carnaúba, Tamarindo, entre outros que reproduz para replantio e recuperação da terra degradada por anos seguidos de uso sem preservação.

O lugar faz parte dos 100 hectares das terras dos pais. Ele cercou e trabalha para recuperar áreas degradadas do solo e da mata nativa. Ele também faz alguns renques (barreiras) de pedras para evitar erosão, durante as chuvas. “Hoje, a serra está muito destruída. São quase 100 anos de degradação, com o desmatamento”, lamenta.



Um problema que ele relata é a falta d'água, apesar de existir muita água no subsolo da serra, inclusive fontes perenes. “O grande problema é que a água é salgada; tão salgada que se regar as plantas com essa água, elas morrem...”, afirma. Ele só conta com a pouca água das chuvas que estoca numa caixa e em dois pequenos tanques de pedra. “Era como meu avô fazia. Só que os tanques são pequenos e acumulam pouca água”, lamenta.

O sítio Cutruco tem algumas fontes que secaram. “Não só pelos anos seguidos de seca, mas também pelo desmatamento. Estou tentando recuperar uma fonte, aqui, com o replantio no entorno”, relata. Apontando para uma das fontes que secaram, ele afirma: “Aqui era água doce, potável, mas hoje é salgada. Meus avós bebiam água daqui. Noutras partes da serra havia charcos, fontes, e hoje não tem mais”.

Ele faz experimentos com plantas da Mata Atlântica para ver quais as que melhor se adaptam. “O Pau-Brasil foi o que melhor se adaptou aqui. Não preciso nem regar, porque aqui tem água debaixo do solo”, disse.

“Quero recuperar essas terras. Talvez não consiga, mas vou tentar”, assegura. Numa área degradada, de difícil recuperação, ele pretende fazer um canteiro econômico para a produção de hortaliças para consumo. “Aprendi como se faz na capacitação do Seapac às famílias agricultoras”, esclareceu. Ele cria galinhas, em pequena quantidade, e abelhas silvestres, do tipo Jandaíra e Rajada.

O Professor aproveita o sítio para fazer trilhas com alunos da escola onde exerce a profissão e mostrar a mata nativa ainda preservada. O objetivo é despertar nos jovens a necessidade de preservar o ambiente.

Nas trilhas, o professor mostra aos alunos as árvores e plantas nativas. Ainda se encontram Massaranduba, Baraúna, Jabuticabeira, Catolé (Araçá), Jucá, Pau D'Oleo (Copaíba), Palmeira Jeribá, Japecanga, Imbé, bromélias, orquídeas, Camucá, Pitanga de Morcego, Itapororoca, Araçauína, Umbuzeiros, Umburanas, Uumbu-cajá, Condessa, Gravatá, Pau-Ferro, Trapiá, Jeribá, Milho-de-Urubu, Lírio Roxo, além de muitas trepadeiras e algumas plantas medicinais.

O professor afirma que na Serra Verde ainda há animais como o Veado Caatingueiro, roedores e aves como juriti, tico-tico e o galo-de-campina.

